

ENTRE A PLATÉIA E O PALCO ESCOLAR: MEMÓRIAS DE UMA GRADUANDA EM PEDAGOGIA ASPIRANTE A ARTE-EDUCADORA

Beatriz Rodrigues Lima

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Brenda Luara dos Santos de Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este trabalho é resultado das memórias que constituíram meu processo de formação até a graduação em Pedagogia. As contribuições feitas foram obtidas através das vivências ainda na educação básica, que ganharam novos significados após a primeira experiência de estágio como auxiliar de classe em uma escola da rede privada do município de Vitória da Conquista-Ba, e no contato com a prática educativa em Arte da CazAzul Teatro-Escola. O objetivo foi refletir sobre as faces que envolvem o processo de formação e o fazer docente promovendo um olhar sobre as necessidades de uma ação educativa atravessada pelos princípios da Arte. Assim, as reflexões feitas partem de indagações pessoais a respeito de qual seria o papel e lugar do educador e do artista no processo de ensino-aprendizado visto sob a perspectiva de uma arte-educação, de modo a entender quais seriam suas implicações para a formação do educador-educando com foco no arte-educador.

Palavras chave: Arte-Educador. Didática. Formação de Professores.

Introdução

O presente ensaio foi constituído a partir das vivências da autora que vos fala, tendo por objetivo pensar sobre uma prática educativa que seja afetiva, curiosa, inacabada¹ e próxima à arte. O caminho para as reflexões feitas aqui foi construído por meio das experiências vividas no decorrer da minha educação básica e início da formação superior na graduação em Pedagogia.

Durante todo o percurso da minha graduação até aqui, não havia obtido coragem para me aventurar na escrita de um artigo científico a ser publicado, ainda mais sendo este um relato de experiências tão individuais. Todavia, acredito que por mais “ordinário” que este possa parecer aos olhos de alguns ou até pelos meus, ainda assim, simboliza algo. No meu olhar, simboliza a fuga da insegurança, além de um importante componente de aprendizado para minha futura carreira como educadora. É importante destacar também, como surgiu o anseio por esta escrita que só foi, de fato, possível, pelo encorajamento feito por minha orientadora, Prof^a Ma. Brenda Luara dos Santos de Souza, que me ajudou a entender como

¹ Conceito trabalhado por Paulo Freire (1996) em sua obra “Pedagogia da Autonomia”.

esse movimento de revisitar memórias poderia ser benéfico no processo de escrita da minha monografia, permeada pela mesma temática.

Nesse sentido, considerando o tom de narrativa autoral, aqui utilizarei uma linguagem mais próxima-afetiva a fim de (tentar) representar um pouco dos sentimentos provocados em mim no decorrer das experiências relatadas. Pretendo por meio destas reflexões, ressaltar algumas lembranças que foram significativas e marcantes no período da minha educação básica, relembando o papel da arte abraçado por alguns professores e interrogando a respeito das possibilidades de tornar essas experiências em aprendizados a serem incorporados na formação docente.

VIVÊNCIAS QUE CONSTROEM CAMINHOS

“Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos” (Rubem Alves).

Desde muito pequena, eu sonhava com o momento em que iria para escola. Em casa, eu ensaiava em minha mente imagens de como seria meu primeiro dia de aula. Tinha muitas preocupações urgentes: “Que roupa eu vestiria?” ou “Que sapato calçar?” “E o cabelo? Solto ou com um penteado?”, eram tantas as indagações... Mas uma se sobressaía dentre todas: “Como será minha professora?”

Após algum tempo, fui para escola e pouco a pouco as dúvidas e os medos foram sumindo. A lembrança da minha primeira professora permanece em minha memória até hoje, sendo esta bastante positiva. Os anos se passaram e aquela menina que sentia “borboletas no estômago” ao pensar em seu primeiro dia de aula, hoje, encontra-se em uma jornada para ser quem espera por tantas(os) outras(os) “Beatriz” ou “João” no ambiente único, transformador e cheio de possibilidades que é a sala de aula.

Nesse enredo, aos 6 anos de idade comecei a estudar e foi dado, então, o início do processo para minha alfabetização. Tenho lembranças específicas de alguns momentos no ensino fundamental, em especial, a 5ª série, onde tive o meu primeiro contato com a disciplina de Artes. Aqui, vivi uma experiência marcante, pois, estava em uma fase onde me via diante do mundo da pré-adolescência, cheia de dúvidas e assustada com as mudanças, eu me sentia acuada, insegura e ao ponto de ser “engolida” pela timidez.

O contato prematuro com a disciplina de Artes, que simbolizava a fuga da rotina de conteúdos exaustivamente programados, me fez amar as quintas-feiras (dia da referida disciplina). O professor que ministrava essa disciplina foi quem me apresentou a magia do

teatro, digo isso porque sua metodologia envolvia o contato imediato com a prática da encenação. De repente, estava ali, planejando um roteiro, um enredo, dando asas à imaginação. Uma das experiências mais prazerosas era o momento de “entrar no palco”, o ambiente de sala de aula já não era mais o mesmo, assim como eu. Ver-me no corpo de outro personagem fazia com que a timidez, o medo e a insegurança sumissem, me sentia livre. Ao fim do espetáculo, era gostoso receber os elogios que, muitas das vezes, vinham em forma de surpresa, como quem diz: “Nossa, nem parece você”.

Já no ensino médio, na pressão do vestibular e das muitas incertezas que nos atingem neste estágio da vida, fui surpreendida novamente, desta vez, veio de onde eu menos imaginava. Um professor de Geografia, até temido por muitos alunos, foi quem trouxe refrescos para esta fase tão dramática.

Dono de uma metodologia que valorizava a arte, ele era famoso por seus trabalhos mirabolantes, hora ou outra, colocava os alunos pra dançar, fazer paródias, cantar, encenar, dentre muitas outras coisas. Isso fazia com que nós, alunos, nunca nos colocássemos em uma posição de conforto nessa disciplina, pois, sempre esperávamos novos desafios e tarefas diferentes no decorrer de cada unidade, era um processo cansativo em alguns momentos, mas mostrava-se muito significativo também, tanto que fica ali, na memória, é difícil esquecer.

Os meses foram passando, em 2016 concluí o ensino médio e veio então, a fase de escolher uma profissão. Costumo dizer que não fui eu quem escolheu a Pedagogia, mas foi ela quem me escolheu. Confesso até, que tinha certo receio com a área devido às muitas dificuldades que envolvem a docência no cenário brasileiro, mas resolvi tentar, e me apaixonei.

Em 2017 ingressei na universidade, desde então, pude construir e vivenciar algumas experiências que me fizeram pensar em que tipo de educadora desejaria me tornar. Na faculdade, nos são apresentadas diversas possibilidades, no estudo de teóricos, pensadores e estudiosos influentes temos um universo de caminhos para seguir, mas só quando tive minha primeira experiência em sala de aula, do outro lado da cena – como mediadora – foi que uma chave virou em minha mente.

Em 2018, assinei meu primeiro contrato de estágio para a função de auxiliar de classe em uma escola da rede particular. O palco para as descobertas que provocariam tamanho reboliço em mim foi uma sala de educação infantil, com crianças entre 3-4 anos de idade, que deram início à minha estreia em novo roteiro de reconstruções. Assim, no mesmo ano foram comemorados 50 anos dessa mesma escola e para a comemoração deste marco foi organizado,

em parceria com a CazAzul², escola de teatro de Vitória da Conquista-Ba, um espetáculo para contar a história de existência da instituição, tendo como protagonistas professores, alunos e demais colaboradores da mesma. Percebi nos momentos de ensaios para a preparação do espetáculo, o quanto as crianças amavam aquelas dinâmicas que faziam parte do processo criativo, caracterizadas em momentos de risadas, imaginação, brincadeira, experimentação e muito aprendizado, que eram obtidos de forma prazerosa. Já havia assistido a muitos espetáculos e amava, mas nada foi mais rico do que ver de perto, corpo a corpo, como o fazer artístico se constrói. Assim, conheci melhor a CazAzul e desde então, passei a acompanhar suas produções feitas com tanta graça e maestria.

Acredito que todo universitário em algum momento de sua formação pensa sobre seu futuro no ofício escolhido, não vou negar, essa questão sempre ocupou meus pensamentos. Na universidade somos banhados em águas de muita teoria, chegamos até a ouvir de alguns professores que a teoria educa, mas a prática é o que, de fato, ensina. E posso dizer que senti isso.

Nesse processo de entender “que educadora me tornaria”, o contato com a CazAzul e com sua prática educativa em arte me ensinaram muito. Augusto Boal (2009) diz: “[...] arte é pedagogia do entendimento” (BOAL, 2009, p.106) olhando de fora, vejo como essas experiências com os saberes artísticos contribuíram para o entendimento que tenho hoje sobre o ato de educar. O papel da CazAzul, metaforicamente falando, foi como se defronte a um grande mar alguém viesse, segurasse a minha mão e junto fosse comigo nadar e desfrutar das sensações que esse mar escondia. Essa metáfora simboliza esse caminhar às beiradas do mar que a arte representa. Lá atrás, nas experiências da educação básica, eu só havia molhado os pés nesse mar, mas no encontro com a CazAzul, eu o adentrei e pude sentir de volta a sensação daquelas velhas borboletas no estômago. Foi desse contato que tudo ganhou forma, meu olhar e o questionamento sobre as formas de educar.

Empenhada no desejo de correlacionar a teoria estudada com a prática vivenciada com as crianças me dediquei em assimilar o máximo que conseguisse do convívio com eles, a espontaneidade que eu enxergava nelas também me ensinava sobre a arte e o seu poder libertador. A criança não tem medo de ser ela, ela apenas é. Ri quando tem vontade, canta sem se preocupar com a afinação, desenha sem querer ser um Picasso, dança com passos

² A CazAzul - Teatro Escola se organiza como escola de formação artística, mesmo que, evidentemente, seu foco seja o teatro. Seus núcleos de trabalho tem base na oferta de cursos livres de teatro para todos os públicos, montagem e apresentação de espetáculos teatrais, fomento e difusão artística, bem como, consultoria no âmbito da Arte-Educação. Realiza também oficinas temáticas esporádicas sobre temas como desenvolvimento da expressão cênica e oral em atividades de exposição pública.

extravagantes e que, pra ela, fazem total sentido. Era tudo que eu precisava. Nesse intercâmbio entre a arte, infância e educação foi que me redescobri uma educadora-educanda.

Era o momento de deixar as cascas para trás, momento de entrega, de desconstruções e de construções afetivas. Por meio dessas experiências tive contato não somente com a rotina em sala de aula, rica em tantos aspectos, mas também com objetos inspiradores que sempre tive vontade de conhecer melhor, como a arte, em especial o teatro. Assim, em meio a práxis pedagógica, reencontro-me no teatro; mesmo que agora, do outro lado da cena.

UM “P.S.” NECESSÁRIO: A ESCOLA, O PROFESSOR E O ENSINO

A tríade Escola-Professor-Ensino é algo presente na trajetória dos sujeitos durante seu processo educativo. Depois da família – primeira instituição a qual o indivíduo faz parte – a escola passa a ser o ambiente de maior convívio, sendo porta para novas descobertas e desabrochar do ser humano em suas mais variadas fases (infância, adolescência e juventude). A figura do professor é igualmente importante, pois, este é capaz de deixar marcas tanto positivas quanto negativas na memória de seus educandos. O ensino, por sua vez, também possui peso nessa construção de memórias, já que a forma como o professor pensa sua metodologia pode provocar diversos efeitos nos seus educandos. Por isso, a escolha do método deve levar em consideração o perfil de cada turma, para que não seja aplicado de maneira mecânica e vazia, como uma mera transmissão de conhecimento. Conforme explica Freire (1996):

[...] saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p.21)

Durante todo meu percurso na educação básica desenvolvi muitos afetos. A escola, no meu olhar, representava um ambiente de construção e conhecimento, foi nela que desenvolvi meus primeiros laços de amizade, descobri habilidades e aprendi sobre assuntos que, muitas das vezes, não eram discutidos nem mesmo no meu ambiente familiar. Eu criei memórias positivas e negativas, cresci, aprendi e hoje consigo olhar para trás e lembrar cada um dos personagens que estiveram presentes comigo nesta jornada.

Acredito que, o educador, volta e meia, deveria parar e pensar que também já esteve ali, no lugar do seu aluno. Esse exercício talvez remeta às memórias daquilo que este já viveu enquanto aluno, rememorando o modo “gostoso” de aprender e o que dava preguiça. O olhar

do professor deve repousar nas reações de seus alunos, mesmo que, claro, a habilidade de agradar a todos é plenamente impossível, mas há caminhos que são próprios para construção de uma prática educativa que, além de atender os objetivos da aprendizagem não se faz distante, longe disso, esta pode ser afetiva, respeitosa e significativa.

Ao falar sobre afeto, me refiro aos gestos que mesmo parecendo simples possuem grande peso. Por exemplo, eu sempre tive dificuldade com matemática, nunca fui daquelas que conseguia “pegar o conteúdo” de primeira. Lembro-me, com pesar, de um episódio que aconteceu comigo lá na 6ª série, onde meu então professor de matemática estava realizando a correção de uma atividade cuja dinâmica consistia em ele apontar um(a) aluno(a) para ir até lousa e responder uma questão do exercício. Esse era uma dos momentos que eu mais temia, pois, insegura como era, sentia vergonha de ir à frente de todos, mas o professor não aceitava recusa. Enfim, chegada a minha vez, eu fui, resolvi a questão conforme achei correto quando me virei para o professor, eis o gesto: seu olhar carregava uma imagem clara de reprovação, faltou-lhe revirar os olhos. Eu sentia meu rosto queimar, no caminho de volta para minha carteira parecia estar pisando e o chão afundando, sinal de frustração e muita vergonha. Desde então, passei a ter, cada vez mais, aversão à matemática, pensando sempre “isso não é para mim”. Esse dia provocou tantos sentimentos em mim que é impossível esquecer, é por esse motivo que o ser, enquanto educador, tem dever de estar sempre atento aos mínimos detalhes, pois, no olhar do aluno tudo que o professor fala e demonstra por meio dos gestos, possui um peso inexplicável.

Em meio a isso, defendo veemente que a atividade docente precisa desse tato. Cuidar dos gestos: um olhar, a escuta afetiva, a fala sincera, a demonstração de interesse pela contribuição do aluno, o respeito por suas dificuldades e a disponibilidade em ajudar sem julgamento, são tantas as formas. Como sabiamente ressaltou Freire (1996):

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.” (FREIRE, 1996, p.19)

Nesses momentos finais de minha graduação em Pedagogia junto à história marcada por figuras de docentes e docentes, reconheço as inúmeras dádivas na teoria que nos debruçamos em aprender a fim nos aperfeiçoarmos no ato de educar, contudo, muitas das vezes, a prática requer de nós algo que jamais podemos abandonar: a humanidade. Que sejamos sim, curiosos para continuarmos aprendendo, mas que jamais abandonemos a sensibilidade e o afeto, ingredientes para uma ação docente completa.

ARTE, PEDAGOGIA DA INQUIETAÇÃO

“Antes de uma criança falar, ela canta. Antes de escrever, ela desenha. No momento que consegue ficar de pé, ela dança. Arte é fundamental para a expressão humana” (Phylícia Rashad).

A arte ensina mergulhos no universo de nós mesmos, nos dá coragem, devolve a sensibilidade que a razão, por vezes, nos rouba. Instiga-nos a tentar coisas novas e nos leva ao descobrimento do nosso próprio “eu”. Nas palavras de Boal:

Arte é forma de conhecer, e é conhecimento, subjetivo, sensorial, não científico. O artista viaja além das aparências e penetra nas unicidades escondidas pelos conjuntos. Sintetiza sua viagem e cria um novo conjunto – a Obra –, que revela o Uno descoberto nesse mergulho; este, por analogia, nos remete a nós mesmos. (2009, p.111)

Essa reflexão a partir de Boal (2009) se faz necessária para que pensemos numa prática educativa pautada no preceito do não “aquietar-se”, entendendo que o ato de educar pode ser reinventado a cada nova situação de aprendizagem. Os educandos não são os mesmos, nós, educadores, também não somos, há sempre caminhos que podem fazer do ensino-aprendizagem algo único, com proximidade entre o eu e o nós, a sala de aula e a realidade fora dela, a teoria e a prática. Paulo Freire ensina ao dizer que: “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 1996, p.28), a partir desse exercício de reflexão e observação, foi possível traçar uma linha de indivisibilidade entre a dinâmica de ensino-aprendizado presentes na arte/teatro e a ação docente, as quais, juntas, equivalem a um produto “Uno”.

As múltiplas atividades presentes na prática artística, especificamente no teatro, estimulam a atividade do ouvir, do falar e do sentir (dentre outras), destacando o valor intrínseco destas para o ser humano. Assim, esses estímulos caracterizar-se-iam em fazer o sujeito adquirir outras aptidões, igualmente importantes para seu processo de desenvolvimento integral. Sobre isso Boal (2009) destaca:

A vida humana, social e política não pode enxergar de um olho só, se temos dois; andar como saci, numa perna só, se temos duas; abraçar com um só braço, ouvir com uma orelha, a outra surda. Não basta aprender a ler e escrever: é preciso sentir, ver e ouvir, produzir imagens, palavras e sons. A terra, a água e o ar; a palavra, o som e a imagem são bens da humanidade. Arte é direito e obrigação, forma de conhecimento e gozo. (BOAL, 2009, p.94)

Nesse contexto, a prática educativa, enquanto prática formadora, deve caminhar em um eixo de curiosidade que não se deixa levar pela acomodação estática, mas, em sua

essência, anseia pela busca contínua do conhecimento. Ser educadora é, em sua essência, vir a ser. Dessa condição de “inacabado” do ser, Freire (1996) explica:

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mas ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócios-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento. Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele. (FREIRE, 1996, p.23)

Ao passo que compreendemos essas faces da ação docente é que se torna possível organizarmos metodologias que cumpram com o objetivo de oferecer uma rede de saberes completa aos educandos. No momento que, enquanto educadora, me coloco numa posição de “inacabada” e que também enxergo meus educandos com este mesmo olhar, caminho de maneira constante e efetiva na estrada do saber, o que configura um espaço de ensino e aprendizagem autênticos. Nas palavras de Freire (1996):

Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida. [...] Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes de inacabamento, abertos à procura, curiosos, ‘programados, mas para, aprender’, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos. (FREIRE, 1996, p.24)

Ao se pensar na arte como fator educativo resgata-se esse instinto inquiridor, provocador, que valoriza a experiência prática de construção do saber através da ação, do buscar e do não conformasse. Esse fator promove a apropriação do conhecimento por parte do educando fazendo com que este atue numa perspectiva transformadora, que transforma a si mesmo e seu ambiente social. Não se trata de uma educação “bancária” (FREIRE, 1987), pautada nos princípios da transferência de conhecimentos, mas o contrário disso. De acordo com Freire (1987):

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber [...] O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca [...] Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de

transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos. (FREIRE, 1987, p.38-39)

O currículo de ensino não deve ser como uma cela, que prende os educandos e educadores em uma rotina massiva de saberes que parecem vazios, anulando-os em silenciamentos, nem a arte deve ser utilizada como peça de manobra ou uma (mera) ação recreativa que visa preencher lacunas em sujeitos ocos. A ação educativa e a atividade artística devem conversar entre si, ao invés de ser encarada como campo de conhecimento em uma disciplina só, deve fazer-se presente em cada área de conhecimento. Defendo aqui a sala de aula como, essencialmente, um palco para a criatividade e terreno para produções críticas, que se fazem significativas para o sujeito em relação às suas intervenções enquanto ser social.

Em minha experiência com uma metodologia que utilizava a arte como alicerce, pude sentir os seus efeitos positivos. Considero como exemplo a metodologia utilizada por meu professor de Geografia, a quem citei inicialmente, que trabalhava os conteúdos numa perspectiva artística, fomentando nos alunos esse olhar para a arte e para seu potencial educativo. Os resultados desse processo se tornaram tão marcantes que, ao lembrar determinada atividade produzida artisticamente, consigo relacioná-la ao conteúdo estudado, o que demonstra o percentual de profundidade do aprendizado final, ao lembrar, resgato também a outra Beatriz que se redescobria ali.

A prática docente atravessada pela arte pode possibilitar esse movimento de ensino-aprendizado através do entendimento de princípios básicos, experimentados no teatro, a exemplo, a empatia, vivenciada no teatro no momento em que interpreto um personagem, que entendo anseios e experimento outros olhares, é o sentimento que me faz o espectador compreender até mesmo as atitudes de um vilão (BOAL, 2009). Em sala de aula esse princípio também deve ser exercitado, se tenho uma turma de 20 alunos, preciso entender que ali há 20 visões de mundo e situações diferentes, cada aluno é um ser único; que se (re)descobrem e que se (re)inventam na interatuação uno da sala de aula. A sala de aula é coletividade, o ensino ou teatro não se fazem sozinhos, mas constituem-se como um trabalho conjunto, onde cada um tem um papel, pois: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p.12). A coletividade, contudo, não anula a singularidade, nos dizeres de Boal (2009):

Cada arte é um caso à parte. Ao escrever um poema lírico, a criação do poeta é solitária. Ao pintar um quadro, o pintor expressa seus sentimentos em traço e cor: tarefa do indivíduo. Mas nada impede que o grupo pinte um mural, monte uma peça coletivamente, mesmo quando orientados nas diferentes técnicas e possibilidades, e escreva um livro coletivo de poemas individuais. O trânsito entre o singular e o plural não deve limitar subjetividades nem

perder de vista a criação coletiva, que é um somatório de sensibilidades e não passiva aceitação do denominador comum inferior. (BOAL, 2009, p.163)

Enquanto a educação “bancária” anula o potencial criativo do educando, o olhar artístico para a sala de aula é responsável por transformá-la em um palco. O aluno-ator, o professor-diretor (dramaturgo) fazendo a mágica acontecer e dando origem ao produto “Uno” desse coletivo; o grande espetáculo do ensinar e do aprender significativo, construído em um cenário onde educador e educando são criadores. Uma educação como prática de liberdade só é possível junto a uma sala de aula como palco de um roteiro em criação coletiva, concordando com Freire (1996):

[...] essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 1996, p.13)

É neste cenário que as maiores transformações e experiências são sentidas. A arte revela contribuições grandiosas para a nossa ação educativa, apontando caminhos para uma formação integral e significativa para o sujeito, enquanto educando e ser social. Ao educador, cabe a tarefa de entender e assumir seu papel/lugar como ser formador, Boal (2009) indica um caminho ao dizer que: “Convém não esquecer que ser humano é ser artista e ser artista é ser humano. Arte é vocação humana, é o que de mais humano existe no ser” (BOAL, 2009, p.138). Desse modo, ousar ecoar, que ser educador é ser artista, e vice-versa. Arte-educar não é subtarefa da coxia escolar; ser arte-educador é narrar coletivamente possibilidades de ser no mundo. Tornar-se arte-educador é o desafio de uma *práxis* entre duas tarefas essenciais para a vivência humana: vir a ser e conhecer. Ao menos para mim, pois esta é minha meta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verdadeira e prazerosa educação, porém, é pedagógica: estímulo ao aprendizado, às alegrias das descobertas. (BOAL, 2009, p.246)

Durante a realização desta escrita assumi o compromisso particular de pôr aqui somente o que têm feito sentido no meu processo de formação. Nesse registro, sintetizei em

breves reflexões o meu olhar para o fazer pedagógico, moldado pelas vivências em sala de aula e pelo contato com o teatro.

Considero, sem sombra de dúvidas, que as reflexões aqui feitas só foram possíveis graças ao espelho da teoria e dos debates sobre a prática educativa, tão discutida em sala de aula. Além da contribuição enriquecedora que tive junto à CazAzul, entre platéia, monitora e pesquisadora, a qual tenho muito respeito e admiração.

Pensar sobre formação docente é um convite para quem está em processo de formação já começar a pensar em estratégias para sua futura docência enquanto os profissionais já graduados refletem ou repensam sua prática educativa, além de reviverem aprendizados que obtiveram em seus anos de formação.

Deste modo, é claro que para se construir uma atividade docente de qualidade, o educador precisa ter conhecimento e saber distinguir, bem como, avaliar os meios apropriados de obter o melhor rendimento e aprendizado de seus educandos. E parte desse processo começa na escolha da metodologia utilizada, pois, de acordo com Neder: “A metodologia utilizada pelo professor é um dos determinantes do fracasso escolar” (NEDER, 1993, p.71).

Nesse sentido, as considerações feitas aqui pautaram-se na visão de educação para Paulo Freire(1996) que, como ninguém, ensina meios para uma ação educativa firmada no respeito, na autonomia e, principalmente, na liberdade (dentre outras). Combinados a esse olhar, utilizou-se também, os conceitos trabalhados por Augusto Boal (2009) que, brilhantemente, traz contribuições riquíssimas do campo do teatro, em sua *Estética do Oprimido* como ponte à uma *Pedagogia do Oprimido*.

Dessa união, surge, então, meu olhar para a Pedagogia e, primordialmente, para formação e prática arte-educativa, vista e vivida num palco para as alegrias das descobertas (BOAL, 2009), desconstruções e para construção do conhecimento. Assim, deixo aqui representado meu “script”, ainda inacabado, para o papel que tenho ensaiado: o de torna-se arte-educadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 256p.
- NEDER, Maria Lúcia Cavalli. CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Polifonia: Revista de Letras**, UFMT, ed. 00, p. 71-89, 1 jul.

1993. Disponível em:

<<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/issue/view/134> > Acesso em: 11 Mar 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Disponível em: <<https://lelivros.love/book/download-pedagogia-do-oprimido-paulo-freire-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso em 12 de Abr 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed.

São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf> Acesso em 11 Mar 2021.

SOBRE AS AUTORAS:

Beatriz Rodrigues Lima

Licencianda em Pedagogia – DFCH, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

E-mail: btzrlima@gmail.com

Brenda Luara dos Santos de Souza

Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Professora no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da mesma universidade (DFCH/UESB) e Psicóloga (CRP03-12716); Coordenadora do Grupo de Estudos em Cultura e Trabalho (GECULT). E-mail: brendaluara.academico@gmail.com